

10º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA

Área Temática: Participação Política

**#BHNASRUAS: UMA ANÁLISE DO CONFRONTO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO A
PARTIR DE PÁGINAS DO FACEBOOK”**

Maria Alice Silveira Ferreira
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte/MG
30 de agosto a 02 de setembro de 2016

RESUMO

Os recentes protestos em todo o mundo têm chamado a atenção de pesquisadores e da opinião pública sobre as ações de confronto político contemporâneo e a relação que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm nesse processo. Este trabalho, fruto da pesquisa de dissertação da autora do texto, teve como objetivo analisar as ações contenciosas da atualidade associadas ao uso da internet e, principalmente, das redes sociais on-line. A partir da análise de três páginas do Facebook: Assembleia Popular Horizontal; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH, procurou-se entender como se deu a organização, a mobilização e os quadros de ação pessoal nas postagens dessas páginas durante os protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte. Para subsidiar a pesquisa apresenta-se, inicialmente, uma revisão sobre o confronto político, vertente da Teoria do Processo Político e que norteia este trabalho. Também é feita uma discussão sobre como a internet e, principalmente, as redes sociais on-line, têm sido utilizadas como espaço de ativismo. Para esse debate foi trabalhado o conceito de ação conectiva, desenvolvido por Bennett e Segerberg (2013). Para os autores, ações conectivas são caracterizadas por serem digitalmente mediadas e se constituírem dentro de quadros de ação pessoal, ou seja, um engajamento político personalizado. Ainda de acordo com Bennett e Segerberg (2013), na ação conectiva as mídias digitais são capazes de mudar a dinâmica da ação e a internet é fundamental para a organização desses protestos, uma vez que a produção em pares gera automotivação e auto coordenação dos indivíduos nas ações. Depois da discussão teórica, o trabalho se concentrou em uma breve descrição sobre as manifestações de junho de 2013, principalmente sobre os protestos ocorridos em Belo Horizonte/MG. Ao final, foi feita uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook durante os protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte. Os dados, referentes as postagens entre os dias 15 a 30 de junho, foram coletados por meio do aplicativo Netvizz. As páginas escolhidas foram: Assembleia Popular Horizontal (APH); BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. Para isso, partimos da ideia de que as Jornadas de Junho de 2013 fazem parte do confronto político contemporâneo e que muitas das ações realizadas durante os protestos podem ser aqui entendidas como ações conectivas, em que as redes digitais foram centrais para a organização e desenvolvimento dos protestos. Dessa forma, procuramos identificar no conteúdo das páginas três importantes elementos para as ações conectivas de confronto: 1) organização: concentrando-se nos processos organizativos da ação, como a horizontalidade, o caráter participativo e a circulação de informações; 2) mobilização: levando-se em conta as diferentes performances utilizadas durante esse período e 3) quadros de ação pessoal: tentando identificar os enquadramentos pessoais das ações conectivas que são capazes de persuadir mais facilmente os indivíduos a se identificarem com eles (BENNETT E SEGERBERG, 2013). Por meio da pesquisa, foram encontrados fortes elementos de mobilização nas páginas APH e Vem pra Rua BH. Os aspectos de organização foram identificados principalmente nas páginas BH nas Ruas e APH. Os quadros de ação pessoal, por sua vez, foram mais encontrados nas páginas Vem pra Rua BH.

Palavras-chave: Confronto político. Internet. Protestos de junho. Ação conectiva. Facebook.

#BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do Facebook”¹

Maria Alice Silveira Ferreira²

1. Introdução

Muito tem sido falado sobre os recentes protestos em todo mundo. Temos acompanhado, nos últimos anos, inúmeras ações de confronto em grande escala contra Estados e Instituições. Jornais, revistas, TVs e, principalmente, as mídias sociais têm registrado intensamente imagens, vídeos e relatos de milhares de pessoas ocupando ruas e praças em diversos países.

Primavera Árabe, Indignados e *Occupy Wall Street* foram algumas das ações de protestos que ocorreram nos últimos anos. Em 2013, o Brasil também viveu uma grande onda de protestos. Ainda bastante recente na memória dos brasileiros, o mês de junho daquele ano foi marcado por intensas e grandes manifestações contra o governo, a corrupção e a Copa do Mundo da FIFA de 2014.

Uma importante característica dessas ações de confronto foi o uso intenso das mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram, YouTube entre outros) durante os protestos, sendo parte fundamental para mobilização e articulação desses atos. Essas ações, sem dúvida, chamaram a atenção da opinião pública e de especialistas, gerando muitas perguntas: *o que fez milhares de pessoas irem às ruas? Como esses protestos foram gestados? Qual foi o papel da internet e das redes sociais on-line nesse processo? Que novidades para o estudo da ação coletiva esses protestos poderiam trazer?*

É dentro deste contexto que foi feito este trabalho. Para tentar compreender como têm se dado as ações de confronto político contemporâneas e qual o papel da internet nesses processos, este trabalho buscou fazer uma análise das manifestações que ocorreram em junho de 2013, em especial, na cidade de Belo Horizonte, a partir de três páginas do Facebook: Assembleia Popular Horizontal; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. Assim, procurou-se entender como se deu a organização, a mobilização e os quadros de ação pessoal nas postagens (*posts*) dessas páginas durante o período dos protestos. A análise desses elementos se justifica por tratar-se de características da ação conectiva (BENNETT & SEGERBEG, 2012), o que pode nos ajudar a compreender as características específicas dos protestos contemporâneos.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes além da introdução e conclusão. Na primeira parte foi feita uma revisão teórica acerca da ação política de confronto. Para isso, foi feita uma discussão sobre o Confronto Político, abordagem teórica que norteia este trabalho. Na segunda parte, foi feita uma discussão sobre as ações de confronto contemporâneas e o uso da internet como forma de mediar essas ações, concentrando em discutir como a internet e, principalmente, as redes sociais on-line, têm sido utilizadas como espaço de ativismo (PEREIRA, 2011; BENNET e TOFT, 2009; BIMBER, STOLH e

¹ Este trabalho é fruto da dissertação #BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do Facebook” apresentada pela autora do texto em agosto de 2015.

² Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais.

FLANAGIN, 2012), seja apenas dentro dele, ou em um espaço híbrido, on-line e off-line (CASTELLS, 2013).

A partir dessa discussão teórica, concentramos no objeto de estudo deste trabalho: as manifestações de junho, em Belo Horizonte, a partir de páginas do Facebook. Para isso, foi necessário também fazer uma breve contextualização das intensas manifestações de rua que ocorreram no Brasil em junho de 2013, principalmente em Belo Horizonte. Por fim, realizamos uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook bastante ativas durante os protestos de Junho na cidade de Belo Horizonte: Assembleia Popular Horizontal/BH; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. Na análise, procurou-se identificar três elementos da ação conectiva: organização, mobilização e quadros de ação pessoal.

2. O Confronto Político

Fruto de um processo de autocrítica e revisão dos próprios proponentes Teoria do Processo Político³ (TPP), McADAM, TILLY, TARROW inauguram no final da década de 1990 uma agenda de estudos sobre ações políticas contenciosas. A abordagem buscou expandir a análise teórica da TPP do estudo limitado sobre movimentos sociais, dando atenção para um fenômeno mais amplo, abarcando outros tipos de confronto coletivo, como revoluções, rebeliões, guerras civis entre outros (EDWARDS, 2014; McADAM, TILLY & TARROW, 2001; 2009). A abordagem do confronto político, segundo seus proponentes, também busca colocar dinâmica, um processo interativo, ou seja, uma abordagem relacional. Essa perspectiva relacional parte da ideia de que, apesar de virem de uma tradição estruturalista, McAdam, Tarrow e Tilly (2001) reconhecem a necessidade de levar em conta a interação estratégica e o conhecimento e cultura acumulados historicamente. Nesse sentido, as interações sociais, como comunicação e conversação, são vistas como lugares de criação e mudança.

A ação coletiva política contenciosa pode ser entendida como algo episódico, público e de interação entre indivíduos (McADAM, TARROW & TILLY, 2001). O confronto ocorre por meio de uma ação coletiva. A base dos movimentos, protestos e revoluções se concentra nessa ação coletiva de confronto (TARROW, 2009). A ação coletiva, por sua vez, é entendida como um esforço mútuo em favor de um compartilhamento de interesses e programas. Ela nem sempre é contenciosa e nem sempre está no campo da política.

Nesse sentido, Tarrow (2009) afirma que a ação se torna contenciosa quando ela é realizada por pessoas que não têm acesso às instituições, desafiando os outros, as autoridades e o Estado e reivindicando novas demandas. Ela ocorre quando “pessoas comuns, sempre aliadas a cidadãos mais influentes, juntam

³ De uma forma geral, a TPP é uma das correntes teóricas que surge na década de 1960 e entende que a análise da ação coletiva vai se dar a partir do entendimento das estruturas e processos. Ou seja, ela leva em conta a ação dos indivíduos a partir do contexto institucional em que eles estão inseridos. Esse viés estruturalista, porém, sofreu duras críticas, o que desencadeou o surgimento de duas vertentes da teoria: a abordagem construcionista (quadros interpretativos) e a abordagem do Confronto Político. Sobre a TPP ver Tilly (1978), Tarrow (2009) e McAdam (1982). Sobre a abordagem construcionista ver Kurzman (1997); Giugni (1998) e Snow & BENFORD (1992).

forças para fazer frente às elites, autoridades e opositores” (TARROW, 2009, p. 18). A ação coletiva de confronto tende a ser disruptiva, seja ela contra as elites, estados ou códigos culturais. A ideia da ação é interromper ou tornar incertas as atividades do opositor (TARROW, 2009).

Outra contribuição da abordagem do Confronto Político é que ela desenvolve os conceitos de repertórios de ação e performances públicas. A ideia de repertórios de ação surge na obra de Tilly ainda na década de 1970 com a TPP, mas é na década de 1990 e com a abordagem do Confronto Político que o conceito se consolidou como central na obra do autor. Ao procurar identificar as maneiras políticas de agir, Tilly utiliza o conceito de repertórios de ação coletiva, que seriam utilizados para “designar o pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico” (ALONSO, 2012, p. 29). Para Tilly, o conceito buscava levar em conta a temporalidade lenta das estruturas culturais ao mesmo tempo em que dava espaço aos agentes (ALONSO, 2012).

Repertórios e performances são termos do teatro e da música que Tilly toma emprestado para ajudar na sua análise. A metáfora utilizada por Tilly (2008) é feita porque, segundo o próprio autor, quando nós olhamos de perto uma ação de confronto em particular vemos que há uma improvisação dos atores. Em um dado tempo e lugar, as pessoas aprendem um determinado número de performances que utilizam para fazer suas reivindicações. Petições públicas, manifestações e greves são exemplos de performances. Essas ações públicas ligam, pelo menos, dois atores: um reclamante e um objeto de reclamação, e é aí que se encontra o caráter relacional da ação. Essas ações são herdadas e reproduzidas o tempo todo. Segundo Tilly (2008), as performances nunca são iguais uma vez que os participantes improvisam constantemente dependendo do contexto social e político.

O conjunto de performances disponíveis forma um repertório de ação. As performances se agrupam em repertórios de rotinas de reivindicações que podem ser aplicadas na relação entre reivindicantes e objetos de reivindicação. A existência de um repertório de ação significa que o reivindicante tem mais do que um caminho para fazer suas reivindicações (TILLY, 2008). “As mesmas pessoas que podem marchar pelas ruas também podem assinar petições, as mesmas pessoas que conduzem ataques armados contra outros também podem encontrar para negociar” (TILLY, 2008, p.14 – tradução livre). Os repertórios variam de lugar para lugar, de tempos em tempos e de espaços para espaços. De forma geral, quando as pessoas fazem suas reivindicações, performando, elas frequentemente estão inovando. Porém, essas inovações ocorrem dentro de um conjunto de limites colocados por um repertório já estabelecido naquele lugar, no tempo e no espaço (TILLY, 2008).

As demonstrações de rua são exemplos de performances que surgiram no século XVII e são utilizadas até os dias de hoje. Os ativistas aprenderam a montar as três variações das demonstrações de ruas: marcha através das ruas públicas; ocupação organizada de um espaço público; e a combinação dos dois em uma marcha para ou de um encontro público (TILLY, 2008). Segundo Tilly (2008), as demonstrações de rua tiveram seu início sem a mediação ou consenso das autoridades nacionais, mostrando assim, a voz popular. Dessa forma, essa ação pública sinalizou a presença de um forte ator político.

As demonstrações de rua vêm chamando atenção nos últimos anos por trazer uma grande quantidade de indivíduos às ruas. Marchas, protestos em larga escala e ocupações (muitas delas em praças públicas) tem se tornado bastante comuns em diversos países, com contextos histórico e político diversos e regimes bastante diferentes.

3. O confronto político contemporâneo: a internet e as ações conectivas

Como foi visto, as ações de confronto não são novas e sempre estiveram presentes na luta política. Pelo seu caráter relacional, essas ações de protesto são capazes de se adaptar às características das sociedades, criando novas performances para a ação coletiva. Nesse sentido, podemos entender que nos últimos 20 anos, as inovações tecnológicas têm trazido importantes mudanças nas dinâmicas e formas de ação política (CASTELLS, 2004; 2013; PEREIRA, 2011; BENNET & TOFT, 2009). A internet se torna, então, um importante espaço e ferramenta da luta política contemporânea, intensificando as tradicionais formas de ativismo e criando novas formas de ação. As recentes mobilizações políticas que ocorreram no mundo nos últimos anos têm chamado atenção sobre as mudanças na ação coletiva e sobre qual lugar a internet estaria ocupando nessa nova configuração.

Algumas ações de protestos nas duas últimas décadas, como o Movimento Zapatista e a Batalha de Seattle e, mais recentemente, a Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Indignados e as Jornadas de Junho no Brasil, vêm levando pesquisadores e estudiosos a afirmarem que há algo novo acontecendo na ação coletiva. As mídias digitais foram utilizadas para conectar os participantes, desde os mais engajados até os observadores (BENNETT, SEGERBERG & WALKER, 2014). As inovações tecnológicas (internet, celulares) permitiram aos manifestantes uma comunicação mais rápida e fácil no calor da ação. Por meio das redes sociais on-line, foi possível haver maior articulação entre os manifestantes e a difusão da informação para a organização da ação coletiva. Com a ajuda da internet, os movimentos e as ações de protestos vêm se propagando de forma bastante rápida para outros países e atingindo uma grande escala de aderentes. O uso da web permitiu uma ação coletiva com baixo custo, em maior escala e com mais rapidez do que se fosse feita sem sua ajuda. (EARL & KIMPORT, 2011). Os indivíduos descontentes se apoderaram de oportunidades para se organizarem coletivamente por meio das redes digitais. Essas redes, por sua vez, alimentavam as interações face a face e vice-versa (BENNETT & SEGERBERG, 2013).

As novas ações parecem desafiar as análises tradicionais da ação coletiva, que se concentram nos estudos das organizações formais, lideranças, organizações de recursos, coalizões e formação de quadros de ação coletiva (BENNETT e SEGERBERG, 2013). O uso da internet na política sugere que o escopo da ação coletiva guiado pela teoria deve ser expandido para tentar incorporar essas novas formas de ação, juntamente com as ações tradicionais (BIMBER, STOHL e FLANAGIN, 2009). Bennett e Segerberg (2013) destacam que as recentes mobilizações não podem ser entendidas somente pela lógica da ação coletiva tradicional. Segundo os autores, ao colocarmos essas mobilizações recentes dentro da lógica das

velhas categorias, corremos o risco de não entendermos um fenômeno bastante interessante dos nossos tempos, que é a “capacidade de as populações fragmentadas e individualizadas de compartilhar conteúdos pessoalmente, transformando identidades coletivas e encontrando novas formas de mobilizar redes de protesto em Wall Street, Madrid e Cairo” (BENNET & SEGERBERG, 2013, p. 29 – tradução livre).

É dentro deste contexto que os autores elaboram uma série de estudos sobre o que eles chamam de ação conectiva. Essa ação, segundo os autores, se caracteriza principalmente por serem mediadas por redes digitais e por quadros de ação pessoal. O confronto político da atualidade será composto, muitas vezes, por essas ações conectivas. Nesse sentido, os autores apontam algumas características que podemos observar nessas ações de confronto: 1) elas conseguem se ampliar rapidamente; 2) produzem largas mobilizações; 3) têm maior flexibilidade em rastrear alvos políticos e fazer pontes entre diferentes questões e 4) possuem capacidade de construir repertórios de protestos adaptáveis. Essas características, segundo os autores, estão relacionadas com ações mediadas por redes digitais e quadros de ação pessoal.

Bennett e Segerberg (2013) partem da ideia de que existem duas lógicas organizacionais diferentes: a lógica da ação coletiva (tradicional) e a lógica da ação conectiva. Na ação coletiva, o papel da mídia é importante porque ela pode ajudar a reduzir os custos da organização. No entanto, as TICs não mudam fundamentalmente a dinâmica da ação. Elas servem muito mais para gerenciar e coordenar a participação do que para gerar ações auto-organizadas pelos indivíduos. Já na ação conectiva, as mídias digitais são capazes de mudar a dinâmica da ação. Ela opera por meio de “processos organizacionais das mídias sociais e a sua lógica não requer forte controle organizacional ou uma construção simbólica de uma unidade do ‘nós’” (BENNETT & SEGERBERG, 2013, p. 28 – tradução livre). De acordo com Bennett, Segerberg e Walker (2014) as ações conectivas se comportam como redes híbridas e são capazes de produzir níveis consideráveis de coordenação.

Segundo os autores, há três tipos de ações que envolvem as mídias digitais no confronto contemporâneo. A primeira delas diz respeito a uma *ação coletiva organizacionalmente mediada*: trata-se de coalizões fortemente mediadas entre as organizações que procuram um quadro de ação em comum. Nessas ações, as mídias digitais são usadas para diminuir os custos de coordenação e comunicação, mas elas não mudam a lógica da ação. O segundo tipo de ação diz respeito à *ação conectiva possibilitada organizacionalmente*: são redes de organização tênues, impulsionando múltiplas ações e causas em torno de um conjunto geral de questões, onde os seguidores podem personalizar seus engajamentos nos seus próprios termos. Por fim, os autores descrevem *ação conectiva voltada para a multidão*⁴: essa ação é formada por redes densas de indivíduos, em que as mídias digitais são mecanismos mais visíveis e integrativos. Nesse sentido, as redes sociais on-line facilitarão as ações face a face dos ativistas, dando maior escala e publicidade. A centralidade das plataformas digitais como eixos organizadores da ação, juntamente com papéis de indivíduos em ativar suas próprias redes sociais, resulta em uma dinâmica

⁴ No texto original, Bennett e Segerberg (2013) identificam as ações como: *Crowd-enabled networks* e *Organizationally enabled networks*. Por falta de tradução melhor, os termos foram traduzidos respectivamente como *Ação conectiva voltada para a multidão* e *Ação conectiva possibilitada organizacionalmente*.

organizacional em que as multidões alocam recursos, respondem a eventos externos e revelam mudanças ao longo do tempo. As recentes mobilizações, como o *Occupy Wall Street*, Indignados e Primavera Árabe, são entendidas aqui como esse tipo de ação.

Uma das características da ação conectiva apontada pelos autores é o engajamento político personalizado em larga escala mediado pelas tecnologias digitais. Segundo Bennett e Segerberg (2013), o pano de fundo desses protestos contemporâneos passa por um processo de fragmentação estrutural e por individualização das sociedades (BENNETT e SEGERBERG, 2012). Essas mudanças, consequentemente, afetam a maneira como as pessoas veem o mundo e participam da política.

De acordo com os autores, a ação conectiva, personalizada, contribui para a construção do que eles chamam de quadros de ação pessoal. Bennett e Segerberg (2013) identificam dois elementos que contribuem para a formação dos quadros e para as ações de larga escala. O primeiro elemento diz respeito a uma inclusividade simbólica. Isso quer dizer que as ações conectivas em larga escala muitas vezes trabalham com conteúdos que podem estar relacionados a linguagem e as emoções, sendo capazes de facilitar ideias personalizadas, como é o caso dos “We are 99%”, do Occupy Wall Street, e o “Vem pra rua!” nas Jornadas de Junho. Segundo Bennett e Segerberg, esses enquadramentos requerem pouco esforço tanto para persuadir um indivíduo para aderir à ideia quanto para fazer pontes entre outros quadros interpretativos. Eles são inclusivos porque contestam uma situação geral que precisa ser mudada e não demandam uma maior identificação de mudança dos indivíduos.

O segundo elemento está relacionado à abertura tecnológica. Como apontam Bennett e Segerberg (2013), a maior parte das ações conectivas em larga escala estão baseadas nas tecnologias de comunicação social, que tornam possível o compartilhamento e, consequentemente, a difusão desses temas inclusivos. Esse processo comunicacional, que se dá por meio de compartilhamentos de textos, tuítes e vídeos em redes sociais, aumenta ainda mais a personalização, uma vez que as conexões digitais sempre passam entre amigos, família e pessoas de confiança. Esses quadros de ação pessoal, em geral, são mais fáceis de serem moldados e compartilhados entre as redes dos indivíduos. Na internet, esses quadros muitas vezes são transformados em memes⁵ ou em frases viralizadas, que, pela natureza da sua criação e dinâmica da rede, se espalham de forma rápida. Nesse sentido, acreditamos que a luta política se tem passado muitas vezes pelas redes sociais on-line.

4. Junho de 2013 e as manifestações em Belo Horizonte

O mês de junho de 2013 entrou para história da vida política do Brasil. Os protestos ocorridos em várias cidades levaram às ruas milhares de pessoas e chamaram a atenção da opinião pública, instigando especialistas a procurarem entender o que estava acontecendo no País. O caso das Jornadas de Junho de

⁵ Memes na internet referem-se a imagens, links, vídeos etc., utilizados para caracterizar uma ideia ou um conceito, e que se espalham rapidamente pela web. A palavra *meme* tem origem no livro *The Selfish Gene*, de Richard Dawkins, e significava um conjunto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como livros, por exemplo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 20 maio 2015.

2013, como ficaram conhecidas as manifestações desse mês, é visto por muitos autores como parte de um ciclo de protestos (MENDONÇA e ERCAN, 2014) que vem ocorrendo em vários países do mundo, como a Primavera Árabe, nos países do Oriente Médio e norte da África; os Indignados, na Espanha; o *Occupy Wall Street*, nos EUA; a Revolução das Panelas, na Islândia; e os protestos na Turquia (RICCI e ARLEY, 2014; MENDONÇA e ERCAN, 2014, CASTELLS, 2013). Apesar de suas diferenças e especificidades, essas manifestações tiveram em comum a participação majoritária de um grande número de jovens, o uso das redes sociais on-line – não só para comunicação, mas também para mobilização e organização das ações de protestos –, e confrontos violentos entre policiais e manifestantes (PEREIRA & PERINI, 2014; PEREIRA, 2015; RICCI & ARLEY, 2014; NOGUEIRA, 2013).

As manifestações de junho não surgiram de forma espontânea, como foi dito algumas vezes pela opinião pública. Ao falarmos sobre elas, é preciso levar em conta a existência de pauta de lutas sobre direito à cidade, que antecedem 2013 e que tiveram efeitos diretos nas manifestações. Essas pautas versavam principalmente sobre transporte público e moradia, e vinham se intensificando desde meados da primeira década do século XXI no país, como é o caso do Movimento Passe Livre (MPL)⁶ em São Paulo e do Comitê dos Atingidos pela Copa (COPAC), em Belo Horizonte⁷.

Durante o primeiro semestre daquele ano, algumas manifestações a favor da redução da tarifa ocorreram em Porto Alegre e também em São Paulo. Mas foi a partir do aumento da tarifa de metrô e ônibus em São Paulo, em vinte centavos⁸, que o MPL organizou seu primeiro ato no centro da cidade, no dia 6 de junho de 2013, que reuniu cerca de duas mil pessoas (RICCI & ARLEY, 2014). Neste primeiro ato já foram registrados confrontos com a Polícia Militar (PM). No mesmo período, também ocorreram manifestações no Rio de Janeiro, Goiana e Natal. Em todos eles, houve confronto com a polícia. Os atos do MPL se repetiram nos dias 07 e 10 de junho, com recorrentes confrontos com a PM e detenções (RICCI & ARLEY, 2014).

De forma geral, a opinião pública e os grandes meios de comunicação viram os protestos, num primeiro momento, com tom de reprovação (GOHN, 2013; JUDENSNAIDER *et al.*, 2013), procurando de alguma forma desqualificá-los, como foi caso dos editoriais dos jornais Folha de São Paulo e Estadão⁹ e fala do colunista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo¹⁰. Criou-se no início dos protestos uma ideia de que os manifestantes eram oportunistas e baderneiros, e que o Estado deveria colocar um ponto final nos

⁶ O MPL surge em 2005, no Fórum Social Mundial, a partir da junção de vários coletivos e ativistas, entre eles o Centro de Mídia Independente (CMI) (RICCI e ARLEY, 2014; POMAR, 2013). Em sua página da internet, o movimento se autodenomina como “um movimento social autônomo, apartidário⁶, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”. Fonte: <<http://tarifazero.org/mpl/>> Acesso em 10 jun. 2015.

⁷ O Comitê dos Atingidos pela Copa (COPAC) foi criado em 2010, durante o Encontro das Comunidades de Resistência. O comitê estava vinculado à Articulação Nacional de Comitês Populares da Copa (ANCOP), que reuniu outros comitês locais, com o objetivo de denunciar violações de direitos humanos ocorridas para a realização de megaeventos (PEREIRA, 2015). Segundo Pereira (2015), esses comitês tiveram um importante papel durante as Jornadas de Junho.

⁸ As tarifas de metrô e ônibus em São Paulo aumentaram de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 no início de junho de 2013.

⁹ Editorial da Folha: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Editorial do Estadão: Disponível em: <<http://opiniaio.estadao.com.br/noticias/geral,che gou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

¹⁰ Disponível em: <http://globo tv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr a-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

protestos. Dessa forma, as autoridades públicas demandaram uma ação mais enérgica da polícia com relação aos manifestantes e os grandes meios de comunicação de massa endossaram essa visão.

No dia 13 de junho ocorreu em São Paulo mais uma manifestação convocada pelo Movimento Passe Livre. O ato reuniu cerca de 20 mil pessoas e foi marcado pela intensa repressão policial aos manifestantes e também aos jornalistas que cobriam os protestos. Dezenas de pessoas ficaram feridas, entre elas uma repórter da Folha de São Paulo, atingida no olho por uma bala de borracha¹¹. Mais de 200 pessoas foram detidas durante o protesto. Foi a partir dos acontecimentos do dia 13 de junho que houve uma mudança da opinião pública no que diz respeito a essas manifestações e o discurso sobre o abuso da força policial ganhou força tanto nos meios de comunicação tradicionais como nas redes sociais on-line (JUDENSNAIDER *et al.*, 2013). A violência policial repercutiu de forma bastante negativa nas redes sociais on-line e a indignação se espalhou por todo o País. A partir daí inúmeros protestos começaram a ser organizados no Brasil.

É importante destacar aqui que a grande onda de protestos que se iniciou no Brasil ocorreu concomitantemente à Copa das Confederações, evento da FIFA realizado a cada quatro anos, sempre um ano antes da Copa do Mundo, no país-sede da Copa. Dessa forma, a segunda quinzena do mês de junho de 2013 foi marcada por uma intensa onda de manifestações, que se espalhou por todo o País. Entoando o cântico “Vem pra rua!”¹², milhares de brasileiros aderiram aos protestos e encheram as ruas das cidades brasileiras.

Em Belo Horizonte não foi diferente. Inspiradas pelos protestos em São Paulo e também pelas recentes ações em todo o mundo, as pessoas se sentiram entusiasmadas para se engajar nos protestos, tanto nas ruas como nas redes sociais on-line, que foram utilizadas para divulgação, mobilização e organização das manifestações, além de terem sido palco de discussões sobre os rumos que os protestos poderiam estar tomando¹³.

Na capital mineira, coletivos de lutas urbanas¹⁴ já vinham se organizando nos últimos anos com pautas relacionadas ao direito à cidade, cultura, moradia e aos impactos causados pelos megaeventos. A primeira grande manifestação do mês de junho em Belo Horizonte ocorreu no dia 15 daquele mês, no mesmo dia em que era realizado o primeiro jogo da Copa das Confederações, no Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília (RICCI & ARLEY, 2014; PEREIRA e PERINI, 2014). A manifestação surgiu a partir de uma reunião do COPAC na região da Savassi, para decidir que tipos de ações seriam tomadas durante o evento da FIFA, juntamente com a “Copelada”, um jogo de futebol informal nas ruas, que ocorria desde 2010 (RICCI & ARLEY, 2014). Da concentração na Savassi, os manifestantes marcharam

¹¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296077-jamais-achei-que-ele-fosse-atirar-diz-reporter-da-folha-atingida-durante-protesto.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹² A frase “Vem pra rua” surgiu do jingle gravado pelo grupo O Rappa para uma campanha publicitária da FIAT para a Copa das Confederações de 2013. O trecho da música “Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil” entoou as inúmeras manifestações de junho.

¹³ Ver trabalhos de Pereira e Perini (2014) e Pereira (2015).

¹⁴ Alguns dos importantes coletivos de luta em Belo Horizonte: Brigadas Populares, Coletivo Jurídico Margarida Alves, Fora Lacerda, Praia da Estação e Carnaval de Rua de BH

até a Praça da Estação. A manifestação do dia 15 ocorreu de forma pacífica e teve a participação de aproximadamente 12 mil pessoas (PEREIRA & PERINI, 2014; RICCI & ARLEY, 2014).

A segunda grande manifestação ocorreu no dia 17 de junho (segunda-feira), no mesmo momento em que ocorria o primeiro jogo da Copa das Confederações em Belo Horizonte, no Mineirão. A disputa era entre as seleções da Nigéria e do Taiti. O protesto reuniu cerca de 30 mil pessoas, segundo a PM (RICCI & ARLEY, 2014). Nesse dia, os manifestantes concentraram-se na Praça Sete de Setembro, localizada no centro da cidade e conhecida como palco de várias manifestações na capital, e de lá caminharam de forma pacífica pela Avenida Antônio Carlos, em direção ao Mineirão (cerca de 9 km). O confronto com a polícia começou quando os manifestantes tentaram romper o cerco policial, com o objetivo de seguirem para o estádio. Ônibus foram pichados e a polícia respondeu com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borrachas. Alguns manifestantes, no entanto, distribuíram flores brancas e pediram “Sem violência!”. Nesse dia, duas pessoas caíram do viaduto José Alencar (no entroncamento entre as avenidas Abraão Caram e Antônio Carlos) e se feriram.

Os confrontos ocorreram, na maior parte das vezes, no entroncamento das avenidas Antônio Carlos, e Abraão Caram, próximo ao viaduto que dá acesso ao Mineirão. O local dos confrontos também era próximo a uma das portarias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹⁵. A medida em que os manifestantes chegavam às proximidades do Mineirão e tentavam romper o cerco policial, o confronto começava. Essas cenas de confronto se repetiram várias vezes durante o mês das manifestações.

Outras manifestações ocorreram nos dias 19, 22 e 26 de junho. O maior protesto em Belo Horizonte durante as Jornadas de Junho ocorreu no dia 22 do mesmo mês, quando mais de 60 mil pessoas fizeram o mesmo percurso do dia 17: concentraram-se na Praça Sete de Setembro e foram caminhando em direção ao Mineirão. Naquele dia, ocorria mais um Jogo da Copa das Confederações no Mineirão: Japão e México. Mais uma vez houve confronto com a polícia. Alguns manifestantes depredaram concessionárias de carros. Os policiais usaram bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral e balas de borracha para conter os manifestantes. Esses, por sua vez, respondiam com rojões, pedras, bombas caseiras e coquetéis molotov (RICCI & ARLEY, 2014). Durante o confronto, um jovem de 22 anos, Luiz Felipe Aniceto de Almeida, caiu do mesmo viaduto citado anteriormente e veio a falecer dias depois. Na manifestação do dia 26 de junho novos confrontos aconteceram. Concessionárias, e postos de gasolinas foram depredados, lojas foram saqueadas. Outro jovem, Douglas Henrique de Oliveira Sousa, de 21 anos, caiu do viaduto e faleceu. Ao todo, seis pessoas caíram do viaduto durante as manifestações naquele mês, sendo que duas foram a óbito.

Os acontecimentos ocorridos nessas manifestações eram relatados em tempo real nas redes sociais on-line por quem participava. Muitas pessoas acompanhavam os protestos por meio de canais alternativos

¹⁵ Durante os protestos, policiais militares ficavam dentro do Campus da UFMG para intensificar o cerco contra os manifestantes. A notícia gerou grande indignação na comunidade acadêmica, o que fez com que estudantes da universidade ocupassem a reitoria, exigindo que policiais militares e forças armadas saíssem daquele espaço. Disponível em: <<http://www.une.org.br/2013/06/reitoria-da-ufmg-ocupada-contra-a-presenca-de-pm-e-exercito/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

de informação, como o Mídia Ninja¹⁶, que fazia uma transmissão on-line dos protestos, por meio de filmagem de celular e conexão com a internet, e a página BH nas Ruas, como veremos a frente, que divulgava fotos e informações sobre as manifestações (onde estavam os manifestantes, se a manifestação já havia sido encerrada etc.).

É importante destacar ainda, que noção propagada de que as manifestações eram totalmente espontâneas, sem líderes e sem organização é vista como uma ideia equivocada por muitos autores (PEREIRA, 2015; MENDONÇA & ERCAN, 2014). Ao observarmos mais atentamente os protestos, podemos identificar formas de organização e importantes tomadas de decisão durante o período das manifestações. Nesse sentido, as Assembleias Populares Horizontais (APH) tiveram um papel fundamental durante as manifestações em Belo Horizonte.

A primeira Assembleia Popular Horizontal foi convocada pelo COPAC-BH no dia 18 de junho. Ela foi realizada embaixo do viaduto Santa Tereza, na área central da cidade. Ricci e Arley (2014) destacam que a APH foi fundamental no que diz respeito à organização e agregação durante as Jornadas de junho

[...] a organização mais efetiva e agregadora que foi legitimada como aquela que convocava oficialmente os grandes atos e manifestações foi a Assembleia Popular Horizontal (APH). Várias lideranças afirmam que foi o saldo organizativo das jornadas de junho em Belo Horizonte. Foi a primeira assembleia em espaço público, de caráter horizontal, criado durante as jornadas. Veio, em sequência, a de São Paulo e se espalhou como estrutura de tomada de decisão dos manifestantes em vários pontos do país. Foi a APH que convocou e definiu o trajeto e objetivos das duas grandes manifestações de junho que foram organizadas nos dias 22 e 26 na capital mineira (RICCI e ARLEY, 2014, p. 160).

5. #BHNASRUAS: uma análise de páginas no Facebook

A partir do que foi discutido neste trabalho propomos aqui uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook criadas durante o período das manifestações de junho de 2013. A escolha da rede social Facebook foi feita pelo fato de esta ser a principal rede social utilizada pelos brasileiros¹⁷ e por ter desempenhado importante papel durante aquelas manifestações, circulando um grande fluxo de informações sobre os protestos.

¹⁶ A Mídia Ninja, sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, é um projeto vinculado a POSTV. A POSTV, por sua vez, trata-se de uma TV aberta livre (segundo a definição na página do Facebook). O prefixo pós vem da ideia de pós-jornalistas e pós-espectadores. A Mídia Ninja foi responsável por transmitir ao vivo, por meio de um celular conectado a uma banda larga, importantes imagens das manifestações de junho, como o conflito entre os manifestantes e polícia e a depredação de concessionárias e bancos. Por meio do link que era disponibilizado pela Mídia Ninja foi possível, por exemplo, acompanhar em tempo real quando os manifestantes tiraram o carro da concessionária e botaram fogo.

Link da página no Facebook da Mídia Ninja: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>

Link da página no Facebook da POSTV: <<https://www.facebook.com/canalpostv/info?tab=overview>>

¹⁷Disponível em <<http://www.techenet.com/2014/05/veja-a-lista-das-redes-sociais-mais-acessadas-no-brasil/>>. Acesso em 30 jun. 2015.

As postagens analisadas se referem aos dias 15 a 30 junho de 2013 e foram extraídas por meio do aplicativo Netvizz¹⁸, capaz de coletar dados do Facebook (páginas, perfis e grupos). Foram selecionadas páginas que publicavam informações, denúncias e convites para as manifestações e para reuniões durante todo o período de protestos na cidade de Belo Horizonte, MG. As páginas analisadas foram: Assembleia Popular Horizontal¹⁹, BH nas ruas²⁰ e Vem pra Rua BH²¹. A escolha dessas páginas se deu porque elas tiveram um importante papel e influência durante nesse período. Além disso, acredita-se que cada uma delas possui perfil e objetivos diferentes, mas todos relevantes para as manifestações. A página da Assembleia Popular Horizontal (APH) serviu como uma porta-voz dos coletivos que estavam nas manifestações e participavam das assembleias horizontais realizadas, durante o período dos protestos, embaixo do viaduto Santa Tereza. Já a página BH nas Ruas ganhou popularidade no Facebook quando trouxe uma cobertura dos protestos alternativa às mídias tradicionais. Por fim, a página Vem pra Rua BH direcionava para o quadro de ação pessoal mais popular dos protestos: “Vem pra Rua!”. Nesse sentido, acredita-se que a página tenha conteúdos relacionados a queixas mais personalizadas e gerais, ou seja, quadros de ação pessoal.

Para este trabalho, optou-se por fazer uma análise qualitativa dos *posts* publicados (durante as manifestações), apropriando-se das técnicas da análise de conteúdo. A análise de conteúdo clássica, como nos afirma Bauer (2004) é uma técnica que ajuda a “produzir inferências de um texto para o contexto social, de maneira objetivada” (BAUER, 2004, p. 191). Dessa forma, a interpretação do conteúdo segue em direção ao referencial teórico e o objeto de pesquisa do pesquisador ou pesquisadora.

Considerando que os textos são multimodais e a linguagem da web é construída de hipertextos (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL 2012)²², optou-se aqui por entender que links, imagens e vídeos fazem parte do texto e que, por isso, devem ser interpretados dentro das unidades de análise em que estão inseridos. Assim, ao analisarmos os *posts*, levamos em consideração as imagens e links disponíveis em cada unidade, levando em conta que eles completam o conteúdo da mensagem. Isso porque restringir a análise dos *posts* somente aos textos publicados poderia trazer um grande risco para a pesquisadora em não entender o contexto e interpretar de forma equivocada os acontecimentos durante o período da análise. Os posts publicados, muitas vezes, continham imagens – que variavam entre fotografias, cartazes ou *memes* com temas relacionados às manifestações – e links, que direcionavam a outras redes sociais, principalmente para vídeos disponibilizados no YouTube.

O objetivo da análise proposta aqui é identificar nos posts das páginas escolhidas os seguintes aspectos da ação política contemporânea: 1) *organização*: diz respeito aos processos organizativos da ação. Para isso, partimos do entendimento de Bennett, Segerberg e Walker (2014) de que as redes digitais

¹⁸Disponível em: <https://apps.facebook.com/netvizz/?fb_source=search&ref=ts&fref=ts>. Acesso em 3 ago. 2014.

¹⁹Disponível em: <https://www.facebook.com/AssembleiaPopularBH>

²⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/BHnasRuas>

²¹Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Vem-Pra-Rua-BH/526279364106164>

²² De acordo com a definição de Lévy (1996) o hipertexto é constituído de nós, que são os elementos de informação como parágrafos, páginas, imagens entre outros e as formas de ligação entre esses nós, como referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó para outro. Por se estruturar em rede, o hipertexto se opõe ao texto linear.

funcionam como pontes para transcender interações face a face. Nesse sentido, a ação conectiva opera em redes híbridas, sendo capazes de produzir propriedades organizacionais, 2) *mobilização*: identificar nas páginas quais foram as performances utilizadas durante o período analisado. Pretende-se verificar os tipos de ações que foram convocadas pelas páginas: ações off-line, como protestos nas ruas e ocupações, chamadas para eventos, e ações nas redes on-line, como a assinatura de abaixo assinado eletrônico, “tuitaço”, manifestações e ocupações etc e 3) *quadros de ação pessoal*: a ação conectiva possibilita uma maior formação de enquadramentos pessoais, que são capazes de persuadir mais facilmente os indivíduos a se identificarem com eles (BENNETT E SEGERBERG, 2013).

5.1 Análise das páginas

A partir de uma leitura e interpretação atenciosa das postagens coletadas nesse período, realizamos nossa análise no sentido de identificar as três categorias que foram propostas para este trabalho: organização, mobilização e quadro de ação pessoal. É importante lembrar também que as categorias analisadas não são excludentes, ou seja, em muitas postagens era possível identificar mais de uma característica.

5.1.2 Organização

Na nossa análise foi possível perceber que a página da Assembleia Popular Horizontal tinha forte componente organizacional. Das 148 postagens analisadas nessa página, identificamos que o componente organizacional estava presente em 140 deles (95%). Isso pode ser justificado pelo fato de a APH ter contado com a participação de vários coletivos e movimentos sociais, como as Brigadas Populares, COPAC e também de militantes de partidos de esquerda, tais como PSTU e PSOL. Nesse sentido, a APH procurou divulgar além das chamadas para os protestos, reuniões onde seriam discutidos os próximos passos das manifestações e as próximas ações na cidade, como ilustrado no post abaixo:

Durante a 2ª Sessão esse modelo foi discutido e aprovado. Já na 3ª Sessão os grupos de cada Eixo Temático de Referência foram criados e discutiram muito sob o Viaduto Santa Tereza. Vale destacar que nesta terça, 25, o Eixo COPA E GRANDES EVENTOS, infelizmente, não foi criado. E que espontaneamente foi fundado o Eixo Temático de Referência em CULTURA. Hoje é dia de apresentar essas discussões para todo o coletivo e termos um documento com pautas, problemas e propostas unificado da Assembleia!



Figura 1 - Apresentação dos grupos temáticos

É importante notar aqui, que não identificamos a organização somente da maneira tradicional de ação coletiva. Isso porque, em nossa análise, foi possível perceber elementos organizativos da ação conectiva. Uma grande parte dos elementos identificados nas postagens não estavam relacionados à organização da ação coletiva tradicional, mas sim, a uma lógica organizacional criada por meio da produção entre pares, que se retroalimentam, produzem, distribuem e compartilham informações.

Esse argumento pode ser bastante exemplificado na página BH nas Ruas. Dos 490 posts analisados na página, 460 continham o componente organizacional. A postagem abaixo reforça a ideia mencionada acima de que, ao compartilhar informações, a página estaria contribuindo com a organização das manifestações. A página divulgou uma informação sobre situação de um trecho do percurso que seria feito pelos manifestantes onde a polícia havia montado uma barreira para impedir o avanço da manifestação. Uma vez que os manifestantes ainda não tinham chegado no local onde estava a barreira, ao divulgar essas informações, a página ajudava os manifestantes a decidirem o que fazer sobre aquela situação. Além disso, eles também divulgam em sua página a agenda de todas as manifestações que ocorriam em Belo Horizonte e também o resumo de como havia sido o protesto

A cavalaria da polícia está montando barreira próxima ao Hospital Odilon Behrens para impedir os manifestantes, que já ocupam mais de duas quadras da Afonso Pena, de chegar ao mineirão. O exército também já foi acionado.
#BHnasRuas #ogiganteacordou #vempraru #primaverabrasileira

Na página Vem pra Rua foi identificado 13 postagens com elementos organizacionais, dos 30 analisados (47%). Foi possível identificar aspectos organizacionais como no post abaixo, em que o administrador da página pede que todos compareçam às manifestações com lenços brancos, pedindo paz:

*Galera para o protesto amanhã o que vocês acham de levarmos um lenço ou um pedaço de lençol branco para mostrar que queremos além de tudo paz em nossas manifestações!!!
#VemPraRuaBH #oGiganteAcordou*



Figura 2- Post pedindo paz

5.1.3 Mobilização

Na página da APH, 111 postagens (75%) foram identificadas o elemento mobilização. As publicações, em sua maioria, estavam relacionadas a chamadas para participar de eventos face a face, como manifestações, ocupações e assembleias:

Venha prestar o seu apoio à Ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte. A Assembleia Popular Horizontal convida a todos que estão em casa para vir tomar o seu café da manhã conosco. Cheguem quando puderem, precisamos de você!
[#ocupeãmaraBh#vempraruabh](#) [#ProtestoBH](#) [#BHnasruas](#)

Já na página BH nas Ruas, 144 postagens (29%) continham elementos mobilizatórios, como o post abaixo:

Está na hora de sair de casa, galera. ÀS RUAS! #BHnasRuas

Também foi possível identificar diversas chamadas para manifestações, por meio de eventos no Facebook, divulgação de vídeos e compartilhamento de outras páginas. Uma postagem interessante diz respeito ao pedido para que os moradores da região ajudassem os manifestantes. Na publicação abaixo, onde eles pedem para que os moradores da Antônio Carlos liberem o wi-fi para que mais manifestantes pudessem fazer uma cobertura dos protestos.

Ajudem os manifestantes!
[#bhmasruas](#) [#vempraruabh](#) [#primaverabrasileira](#) [#ogig](#)
[#anteacordou](#) [#vempraru](#)

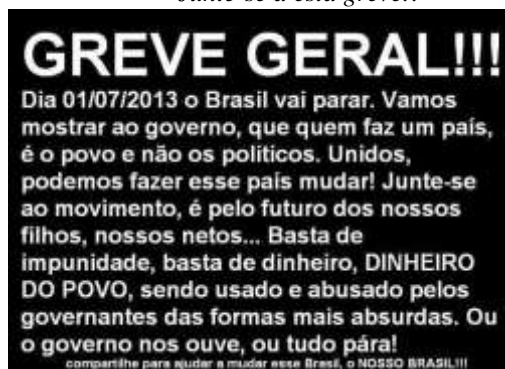


Figura 3- Cartaz pedindo que moradores liberem a rede Wi-Fi

Na página Vem pra Rua BH os elementos de mobilização foram os mais identificados nas postagens. Das 30 publicações, 29 continham aspectos de mobilização. Os posts, em sua maioria,

estavam relacionados as chamadas para as pessoas se unirem e irem às ruas. Um exemplo interessante dessa página foi uma chamada para greve geral, que aconteceria no dia 01 de julho de 2013²³.

Junte-se a esta greve!!



Em nenhuma das páginas no período não foi identificado abaixo assinados eletrônicos ou petições on-line. Isso pode ser justificado pelo período em que foram coletados os dados, de intensos protestos nas ruas. Assim, as redes sociais eram utilizadas para organizar e divulgar essas ações.

5.1.3 Quadro de ação pessoal

Na página da APH o número de postagens identificadas com quadros de ação pessoal foi inferior se comparado às postagens relacionadas as outras duas categorias. Apenas 28,4% dos posts analisados (42) na página versavam sobre quadros de ação pessoal. O post abaixo mostra um exemplo de quadro de ação pessoal e reforça a ideia de que eles podem ser mobilizatórios, uma vez que facilitam as pessoas a se identificar com uma causa. No post, a APH convida as pessoas, individualmente, a colocarem suas reivindicações nos cartazes e marcharem com eles:

Pelo que você marcha?! Coloque a sua voz no papel e venha fazer faixas e cartazes nessa manhã de quarta-feira. Os manifestantes se reunirão às 10h na Av. Rio de Janeiro na região da Praça 7, para confeccionar o material que será utilizado no 5º Grande Ato de Belo Horizonte. Traga caneta, cartolina, papelão, tinta, tesoura e faça a sua!



Figura 4 - Chamada para oficina de cartazes

²³ A chamada para greve, na verdade, surgiu a partir de um evento no Facebook criado por um cidadão²³ e recebeu a confirmação de mais de um milhão de pessoas. Os órgãos sindicalistas, no entanto, não oficializaram a chamada da greve e não houve paralisação na data.

Na página BH nas Ruas foi identificado um número menor de postagens relacionadas aos quadros de ação pessoal (36 posts, cerca de 7% do total). Na análise, foram encontrados posts que referiam a identificação por uma luta em comum e também frases que foram muito utilizadas durante esse período, como “Vem pra Rua”, “O Gigante Acordou” e que foram importantes para a mobilização das pessoas. No exemplo abaixo, o relato da oficina de cartazes para os protestos. As pessoas protestavam levando nos seus cartazes as suas demandas e reivindicações.

*Oficina de cartazes acontece agora em frente ao Edifício Acaiaca.
Os manifestantes produzem cartazes que defendem os direitos e as causas da comunidade LGBT.*

#BHnasRuas (foto: Ana Rodarte)



Figura 5- Oficina de cartazes

Na página Vem pra Rua BH 87% das postagens (26) se referiam a quadros de ação pessoal. Nas postagens, foram identificadas diversas reivindicações, principalmente por meio de imagens, por demandas gerais, que eram compartilhadas por grande parte dos manifestantes que foram às ruas naquele período. Como no exemplo abaixo, na página também foi encontrado memes, diferentemente das outras duas páginas analisadas. O meme descreve um pouco a desconfiança e a insatisfação da população com a classe política. No entanto, uma personalidade política é identificada na foto: a Presidenta da República. Essa imagem reforça a ideia de que a Presidenta seria a principal responsável pelos problemas políticos relacionados à corrupção. O texto antes da imagem pede que Dilma tome uma atitude com relação a esses problemas.

*É Dilma acho melhor você tomar uma atitude!!!
#VemPraRuaBH*



A partir da análise feita, pudemos identificar que os conteúdos das páginas trouxeram muitos elementos de mobilização e organização (gráfico 1). Com relação à mobilização, esse fato não é surpreendente, uma vez que o período escolhido para análise foi de intensas mobilizações no país e as chamadas e convites para os protestos eram compartilhadas intensamente nas redes sociais on-line. Além disso, ele reforça a ideia da opinião pública de que os protestos foram convocados pelas redes sociais on-line. Com relação à organização, ela foi vista com bastante frequência nas páginas da Assembleia Popular Horizontal e BH nas Ruas. Como já foi dito, identificamos nas postagens elementos relacionados às formas tradicionais de ação coletiva e também elementos organizativos da ação conectiva (BENNETT & SEGERBERG; 2013). Os quadros de ação pessoal, por sua vez, foram identificados principalmente na página Vem pra Rua BH. Isso pode ser justificado porque uma característica desses quadros é que eles são formados por demandas gerais. O discurso predominante nas postagens da página se caracterizam por chamarem as pessoas a se indignarem com demandas generalistas, como o combate a corrupção, por exemplo. Além disso, o próprio nome da página estava relacionado ao principal quadro de ação durante os protestos.

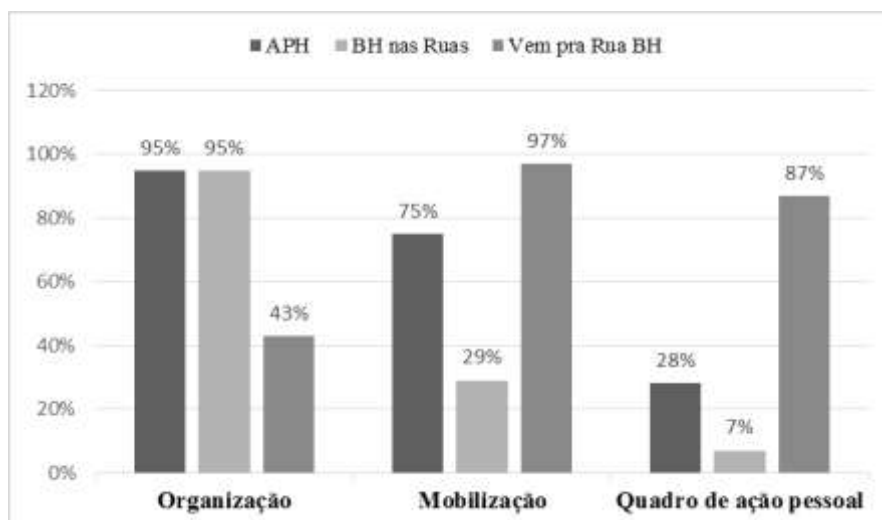


Gráfico 1 - Visão geral das categorias

Cabe aqui falar um pouco sobre a importância das hashtags na análise realizada. Elas foram encontradas nas postagens referentes a mobilização e aos quadros de ação pessoal (exceto no caso da hashtag #BHnasRuas, que foi usada muitas vezes para divulgar o nome da página). Isso justifica porque o próprio nome das principais hashtags encontradas já indicavam uma mobilização (#vempraruabH; #ocupacâmara; #ogiganteacordou). As hashtags #vempraruabH e #vempraruabH foram encontradas em todas as páginas analisadas, o que reforça a nossa ideia de que foi o quadro de ação pessoal mais importante durante os protestos. A hashtag #ogiganteacordou, no entanto, foi mencionada nas páginas BH nas Ruas e Vem pra Rua BH, mas não foi encontrada na página da Assembleia Popular Horizontal, o que nos reforça a ideia de uma certa rejeição com relação a essa expressão, muitas vezes associada ao que foi chamado de grupo dos “coxinhas”. Muitos manifestantes não concordavam com essa expressão dizendo “Você acordou agora, mas a periferia nunca dormiu!”. Por outro lado, a hashtag #ocupacâmara, relacionada à ocupação da Câmara Municipal só foi encontrada na página da Assembleia Popular Horizontal, isso pode ser justificado porque a ocupação foi uma tomada de decisão da própria APH, fruto da organização da Assembleia. A hashtag #BHnaRuas foi mencionada nas páginas BH nas Ruas, como foi visto, e na APH.

5. Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo fazer uma discussão sobre as ações do confronto político contemporâneo à luz das tecnologias de informação e comunicação. Para isso, foi feita uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook relacionadas aos protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte: Assembleia Popular Horizontal; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. A partir de uma leitura e interpretação dos dados, procurou-se identificar nas páginas três importantes elementos para as ações conectivas de confronto: organização, mobilização e quadros de ação pessoal.

Com a literatura trabalhada, propomos então uma análise para entender como três páginas do Facebook contribuíram para a articulação e organização dos protestos durante o mês junho em Belo Horizonte, MG. A pesquisa, no entanto, não teve a pretensão de entender todos os acontecimentos que permearam os protestos na capital mineira em 2013. Sabe-se que para isso seria necessária uma análise mais extensa, que englobaria pesquisas de mais páginas e redes sociais on-line, além de pesquisas nas mobilizações face a face. O que buscamos aqui foi entender um pouco mais sobre a ação conectiva, onde redes sociais on-line são também responsáveis pela dinâmica da ação (BENNETT & SEGERBERG, 2013). Nesse sentido, entendemos que as manifestações de junho em BH podem ser identificadas no que Bennett & Segerberg (2013) definem como “ação conectiva possibilitada para a multidão”. Nesse tipo de ação, as redes sociais não só ajudam as interações face a face dos ativistas, mas também se tornam eixos organizadores da ação.

Com os resultados da pesquisa podemos identificar um grande sentimento mobilizador nas publicações das páginas. Além das chamadas e convites para as manifestações, as páginas também divulgavam conteúdos que buscavam estimular as pessoas para engajar nas manifestações e na ocupação (este último visto com mais intensidade na página da APH). Isso reforça a ideia defendida pelos pesquisadores dos protestos políticos contemporâneos e replicada pela opinião pública de que os protestos foram convocados, em grande parte, pelas redes sociais on-line.

Ao falar que os protestos foram convocados pelo Facebook identificamos também o aspecto organizacional da ação conectiva, onde as redes assumiram o papel de eixos organizadores, juntamente com as interações face a face. A publicação de informações (tanto das próprias páginas quanto de cidadãos) sobre os protestos e as decisões sobre os próximos passos das ações contribuiu para a continuidade das manifestações. Já os quadros de ação pessoal, característicos da ação conectiva, foram importantes para criar objetos de luta em comum para os manifestantes e, conseqüentemente, mobilizarem para os protestos.

A pesquisa apresenta ainda certas limitações no que diz respeito à análise das páginas, uma vez que não explora os comentários relacionados aos posts analisados, o que não nos permitiu conhecer como os seguidores das páginas tratavam os temas abordados. Para pesquisas futuras, busca-se estender a análise para que seja possível também englobar os comentários, a fim de entender como os seguidores recebem as publicações. Analisar o conteúdo dos comentários poderia nos levar a achados interessantes sobre discussões importantes que nortearam os protestos. No entanto, a nosso ver, a análise dos comentários requer uma discussão ética sobre o uso de conteúdo sem autorização. Espera-se então que, com este trabalho, possamos contribuir para o avanço dos estudos em internet e política, em especial, ampliar cada vez mais o debate acadêmico sobre as ações políticas de confronto contemporâneas.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. **Revista Sociologia e Antropologia**. Vol. 02.03, 2012.

BENNET, W. Lance and TOFT, Amoshaun. Identity, technology and narratives: transnational activism and social networks. In: *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2010.

BENNETT, W. Lance and SEGERBERG, Alexandra. *The Logic of Connective Action: Digital Media and the personalization of Contentious Politics*. Cambridge. New York, 2013.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra e WALKER, Shawn. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*. London: Routledge, 2014.

BIMBER, Bruce; STOHL, Cynthia and FLANAGIN, Andrew. Technological change and the shifting nature of political organization. In: CHADWICK, A. and HOWARD, P. *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2009.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

EDWARDS, Gemma. **Social movements and protest**. New York: Cambridge University Press, 2014.

GIUGNI, M. **Structure and culture in social movement theory**. Sociological Forum, vol. 13, no 2, June. 1998.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUDENSNAIDER, Elena [et al]. **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. Sao Paulo: Veneta: 2013.

MCADAM, D.; TARROW, S. and TILLY, C. Dynamics of Contentious. New York: Cambridge University Press, 2001.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino de; ERCAN, Selen. Deliberation and Protest: Strange Bedfellows? Revealing the Deliberative Potential of 2013 Protests in Brazil and Turkey. Paper apresentado na APSA Conference, 2014.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As ruas e a Democracia: Ensaio sobre o Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: Revista Teoria e Sociedade, 2011.

PEREIRA, M. A. Ação Coletiva e Facebook – Organização, Identidade e Mobilização do Comitê Popular dos Atingidos Pela Copa (Copac-BH), 2015. (no prelo)

PEREIRA, M. A e Santos, P.P. Violência coletiva e o Facebook – os protestos de junho de 2013 no Brasil. Trabalho apresentado no IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política – ABCP. Brasília, 2014.

RICCI, Rudá e ARLEY, Patrick. **Nas ruas. A outra política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

SNOW, D. and BENFORD, R. Master frames and cycles of protest. In: MORRIS, A. and MUELLER, M. (eds.) **Frontiers in social movement theory**. New Haven: Yale University Press, 1992.

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis/RJ:Vozes, 2009.

TILLY, Charles. Claims of Performances. In: Contentious Performances. New York: Cambridge University Press, 2008.